

Instituto Socioambiental

fonte: GM

class.: KYR 00 274

data: 13-15/1/95

pg.: 5

FLORESTA AMAZÔNICA

Caiapós perdem o título de defensores

por Matt Moffett
do The Wall Street Journal

O saber tribal diz que os índios caiapó se estabeleceram na antiga bacia amazônica depois de descer das alturas atravessando um buraco no céu. No final dos anos 80 os índios saltaram no centro do debate internacional sobre o meio ambiente.

Adotando uma posição apaixonada contra um projeto de hidrelétrica que poderia ter submergido uma vasta extensão da floresta tropical, os caiapó emergiram como ícones do movimento verde de todo o mundo. Com seus cocares de penas e a ameaçadora pintura de guerra, os chefes caiapó viajaram em jatos com Sting por todo o mundo, parlamentararam com Ted Turner e ganharam uma comenda do papa João Paulo II. O governo brasileiro acabou por conceder aos "guardiões da floresta tropical" uma reserva de 40 mil quilômetros quadrados, um território do tamanho da Virgínia Ocidental, onde as companhias brasileiras de madeira e de mineração não poderiam entrar.

Mas agora aqueles que eram heróis do meio ambiente ganharam um nome menos lisonjeiro: "Caiapó Inc." Desde que sua reserva se consolidou nos últimos anos os chefes de quase todas as cerca de vinte aldeias caiapó realizaram acordos ilegais com madeireiros e mineiros. Os contratos trouxeram dinheiro, ouro e todo tipo de aparelhos modernos para os chefes - mas deixaram prati-

camente na miséria os 4 mil membros das tribos caiapó.

"O que aconteceu com os caiapó é uma tragédia tanto para o planeta quanto para a cultura local", diz Francisco de Oliveira Ramos, um funcionário do governo federal que cuida das questões indígenas do território caiapó. "Mas parece que nada consegue impedir os chefes de fazer os acordos".

Uma investigação feita pelo grupo ambientalista Amigos da Terra constatou que os chefes caiapó da aldeia de Kikretun permitiram aos madeireiros extrair pelo menos 30 mil metros cúbicos de mogno - cerca de 1.500 cargas de caminhão - em troca de um avião, veículos motorizados e algumas residências no estilo ocidental. O mogno e outras madeiras-de-lei tropicais cada vez mais escassas estão no centro de uma batalha ambiental internacional que visa impedir sua destruição indiscriminada.

Alguns meses atrás os chefes da aldeia de Pukanav permitiram que um explorador de madeira embarcasse numa orgia tão prolífica que 96 mil quilômetros de estradas novas tiveram de ser construídos para encontrar a madeira e embarcá-la. Quando uma parte do mogno foi apreendida por agentes ambientais, os chefes de Pukanav fizeram quatro vôos - pagos pelos madeireiros - para pedir às autoridades governamentais que liberassem a madeira.

E um chefe caiapó chamado Tapiet negociou direitos de mineração em seus domí-

nios por 9 quilos de ouro, informou o escritório de assuntos indígenas. Os caiapó sustentam que a negligência governamental não lhes deu nenhuma alternativa além de vender os recursos naturais de sua reserva.

"O que mais pode o caiapó fazer para sobreviver quando o índio não existe aos olhos do Estado brasileiro?", diz Paulinho Paiakan, o caiapó mais conhecido, chefe da aldeia de A-Ukre.

Paiakan tem um propósito. Em algumas aldeias as madeireiras e as mineradoras oferecem os serviços médicos que o governo não fornece. Paiakan também acusa de racismo a maior parte das instituições governamentais. Como exemplo pessoal menciona um processo sensacional que durou dois anos nos tribunais, onde foi acusado de seqüestrar uma jovem branca de 18 anos; recentemente, ele foi inocentado por um juiz brasileiro.

De sua parte, os ambientalistas sustentam que os índios estão vendendo seus recursos naturais barato demais e usando os rendimentos para a compra de produtos supérfluos. Em A-Ukre, uma madeireira recentemente instalou uma enorme antena parabólica no centro da taba. O que a aldeia realmente precisa é de uma assistência médica melhor. Num banco de madeira rústico perto da antena, uma mulher está sentada tragando um cachimbo em forma de trombeta e expelindo fumaça de tabaco na cabeça de seu bebê para erradicar o abun-

dante contingente de piolhos. As madeireiras e as mineradoras tiveram um efeito igualmente pouco salutar sobre o território caiapó. Na aldeia de Gorotire, o escritório de assuntos indígenas relata que os chefes caiapó tiveram um contrato com companhias madeireiras durante anos. As estradas abertas pelas madeireiras - existem cerca de 4 mil quilômetros delas em toda a região caiapó - trouxeram os mineradores de ouro para Gorotire.

Paiakan diz que está tentando reconduzir os caiapó de volta a uma vida ambientalmente saudável, mas é difícil encontrar atividades econômicas que sejam ao mesmo tempo ambientalmente adequadas e lucrativas.

A Body Shop International plc, rede de varejo com sede em Londres especializada em produtos naturais de higiene e beleza, tem um contrato com A-Ukre há vários anos para colher e processar castanhas brasileiras que entram na composição de um popular condicionador de cabelo.

Numa reunião com funcionários da Body Shop, muitos líderes caiapó se queixaram amargamente de estar sendo excluídos da ponta da comercialização da atividade e de estar recebendo uma renda muito pequena pelo seu trabalho. Saindo da cabana onde é extraído o óleo de castanha, um chefe confidencia: "Você ganha muito mais dinheiro vendendo madeira".